

# Raul Bopp

xilogravuras de **Ciro Fernandes**

cobra  
morato

JOSE  
OLYMPIC  
Jo

**COBRA NORATO**



# RAUL BOPP | COBRA NORATO



Ilustrações  
Ciro Fernandes

31ª edição

**JO** JOSÉ  
OLYMPIO

Rio de Janeiro, 2018

© herdeiros de Raul Bopp, 2001

Reservam-se os direitos desta edição à  
EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.  
Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão  
20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – República Federativa do Brasil  
Tel.: (21) 2585-2000  
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br

Tel.: (21) 2585-2000

ISBN 978-85-03-00528-9

Capa: LEONARDO IACCARINO (BASEADA EM ILUSTRAÇÃO DE CIRO FERNANDES)

**Raul Bopp** foi um poeta modernista e diplomata brasileiro. Foi o primeiro poeta a escrever sobre a Amazônia, base para construção de sua obra-prima *Cobra Norato*, considerado um dos dez mais importantes poemas de todos os tempos.

**Ciro Fernandes** é paraibano de Uiraúna e nasceu em 1942. Artista plástico, participou de muitas exposições, em várias capitais brasileiras. Para a editora José Olympio ilustrou *O menino que virou escritor* (sobre a infância de José Lins do Rego), de Ana Maria Machado, considerado “Altamente recomendável” pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. É autor de *Sonho de papel*, publicado pela editora José Olympio, em 2002.

Reprodução fac-similar do manuscrito autografado da primeira página de *Cobra Norato*, gentilmente cedido por Maria Amélia Mello.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

CIP-Brasil. Catalogação na fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

---

Bopp, Raul, 1898-1984

B716c      *Cobra Norato* / Raul Bopp; ilustrações **Ciro Fernandes** – 31ª ed. –  
31ª ed.    Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

ISBN 978-85-03-00528-9

Contém dados biobibliográficos.

1. Poesia brasileira. I. Título.

16-0389

CDD – 869.91

CDU – 821.134.3 (81)-1

Para Tarsila



## SUMÁRIO

Um andar sinuoso, veloz e poético	9
-----------------------------------	---

### *COBRA NORATO*

I	Um dia	15
II	Começa agora a floresta cifrada	17
III	Sigo depressa machucando a areia	20
IV	Esta é a floresta de hálito podre	21
V	Aqui é a escola das árvores	22
VI	Passo nas beiras de um encharcadiço	24
VII	Ai! Tenho pressa. Vou andando	25
VIII	Desaba a chuva	27
IX	Ai que estou perdido	29
X	Agora	31
XI	Acordo	32
XII	A madrugada vem se mexendo atrás do mato	34
XIII	Solzinho infantil	36
XIV	Meio-dia	37
XV	Céu muito azul	38
XVI	Mar fica longe, compadre?	39
XVII	A floresta vem caminhando	40
XVIII	Vou me estirar neste paturá	43
XIX	Mar desarrumado	44



XX	Começa hoje a maré grande	45
XXI	Noite pontual	46
XXII	Paisagem encharcada	47
XXIII	Noite grande...	48
XXIV	Compadre, eu já estou com fome	49
XXV	A festa parece animada, compadre	52
XXVI	Noite está bonita	56
XXVII	Mais adiante uma pajelança	58
XXVIII	A floresta se avoluma	62
XXIX	Escuta, compadre	66
XXX	Abre-te vento	67
XXXI	Esta é a entrada da casa da Boiuna	69
XXXII	E agora, compadre	73
XXXIII	Pois é, compadre	74
	Sobre o autor e sua obra	77

## Um andar sinuoso, veloz e poético

*COBRA NORATO*, poema maior de Raul Bopp, foi idealizado em 1921, escrito em 1928 (segundo informa a sua primeira edição) e publicado em 1931. Vários críticos literários já falaram sobre o autor e a obra, tanto na imprensa quanto em livros publicados. Mas, sempre se estará a dever alguma coisa ao grande poeta, ainda não exaustivamente citado, estudado e conhecido como merecem seu nome e seu trabalho.

Em *Cobra Norato e a revolução caraíba* (Rio de Janeiro/Brasília, José Olympio/INL, 1985), da inesquecível Lígia Morrone Averbuck, ela observa muito apropriadamente:

No panorama da literatura modernista, a obra poética de Raul Bopp ocupa um lugar *sui generis*. Se bem que mencionada com relativa frequência e incluída em obras de caráter geral, até o presente momento ela não foi objeto, por parte da crítica brasileira, senão de estudos mais ou menos breves, ou de trabalhos puramente comparativos, que colocam o poema *Cobra Norato*, seu texto mais importante, ao lado de outras produções modernistas, sobretudo dos textos de *Macunaíma* — de Mário de Andrade —, e *Martim Cererê* — de Cassiano Ricardo —, produções da mesma safra poética que *Cobra Norato* e com as quais formaria a tríade mítica do Modernismo.

E prossegue, mais adiante:

Pode-se verificar que, hoje, quando há um renovado interesse pelo exame da significação do movimento modernista, com vistas à interpretação global da cultura brasileira, a obra de Raul Bopp aparece realçada por um significado fundamental no conjunto do período, como expressão de uma poética linguística e estilisticamente revolucionária, pela margem conotativa revelada nas entrelinhas do seu texto e sua aproximação com uma das mais ricas formulações da temática modernista, a do movimento antropofágico, aspectos todos eles abertos ainda à discussão e à análise.

Bopp, homem do Sul do país e descendente de alemães, encontrou na Amazônia a antítese e a síntese de sua existência. Espantou-se e deslumbrou-se, aguçou sua percepção da realidade brasileira, e, finalmente, identificou-se com a necessidade de “devorar” e impregnar-se das raízes nacionais, o que era, na verdade, o fundamento da chamada “filosofia antropofágica”. É ele quem diz:

A estada de pouco mais de um ano na Amazônia deixou em mim assinaladas influências. Cenários imensos, que se estendiam com a presença do rio por toda parte, refletiam-se com estranha fascinação no espírito da gente. A floresta era uma esfinge indecifrada. Agitavam-se enigmas nas vozes anônimas do mato. Inconscientemente, fui sentindo uma nova maneira de apreciar as coisas. A própria malária, contraída em minhas viagens, acomodou meu espírito na humildade, criando um mundo surrealista, com espaços imaginários. Ensaiei, nessa época, além do esboço da *Cobra Norato*, alguns poemas avulsos: “Mãe febre”, “Pântano”, “Sapo”, “Cidade selvagem”. Procurei res-

tituir, em versos, impressões recolhidas em minhas andanças na região. Senti claramente o desgaste das antigas formas poéticas, de vibrações silábicas em uso. Elas foram sendo substituídas por maneiras de dizer mais simples, em novos moldes literários. Com a minha vivência na Amazônia, de profundidades incalculáveis, fui pouco a pouco aprendendo a sentir o Brasil, com o seu sentido mágico desdobrado na sua totalidade.

Bendita Amazônia! Se Bopp não tivesse passado, em suas viagens curiosas e aventureiras, por esta região de lendas e mistérios, talvez não tivéssemos o genial *Cobra Norato*, a andar sinuoso, veloz e poético pela história das obras-primas da literatura brasileira e universal. “*Cobra Norato*, representação material da ‘metáfora nacionalista’, é reflexo da visão de mundo ‘antropofágica’” — outra vez Lígia M. Averbuck — “projeto sonhado por escritores que desejaram mudar o Brasil com os instrumentos de que dispunham: sua poesia e os ideais de seu tempo”.

**COBRA NORATO, POEMA GENIAL DE RAUL BOP, SITUA O AUTOR COMO UM DOS MAIORES ESCRITORES DE NOSSO PAÍS E PRESENÇA DE GRANDE IMPORTÂNCIA NO MOVIMENTO MODERNISTA DA DÉCADA DE 1920, QUE TANTO INFLUENCIOU (E INFLUENCIA ATÉ HOJE) OS CAMINHOS DA CULTURA NACIONAL.**

design de Leonardo Lacarinho  
sobre xilogravura de Ciro Fernandes

ISBN 978-85-03-00523-9



9 788503 005239